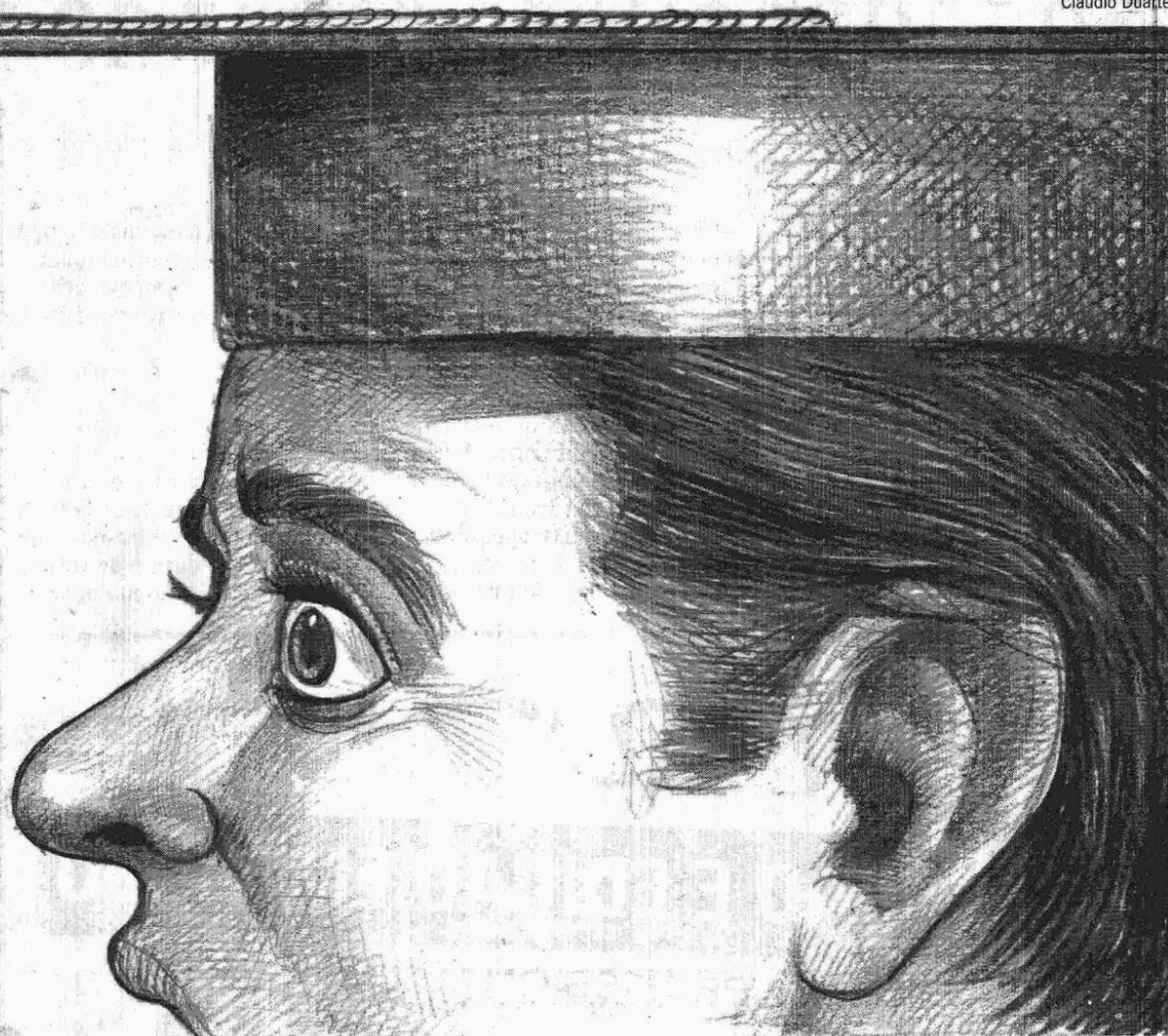


com cereto  
a  
caminho



# Péssima educação, zangas crescentes e concertos a caminho

CLAUDIO DE MOURA CASTRO

Faz 30 anos que acompanho as aventuras e desventuras da educação brasileira. Meu barômetro indica que vivemos um momento fascinante e contraditório: presenciamos a coetaneidade de coisas que não parecem coetâneas. Isto é bom mas é perigoso, trazendo desafios e problemas. Vejamos a questão reduzida aos seus elementos mais essenciais:

1. Para um país com ambições de sair do buraco, temos péssimos indicadores de educação, iguais aos dos mais pobres da América Latina.
2. Atingimos um nível máximo de zanga e insatisfação com este sistema, em todos os níveis da sociedade.
3. Convivemos com avanços espetaculares em quase todas as dimensões da educação.

Não há propriamente uma contradição: o absoluto é péssimo, gera zanga e isso desencadeia um processo de mudança. Mas deixa-nos o grande desafio de administrar este processo.

Examinemos a questão em mais profundidade.

No momento em que a Coréia universaliza o Segundo Grau, estamos longe de universalizar o Primeiro. Estamos distantes de Argentina, Chile, Costa Rica, Cuba e Uruguai. Mas note-se que estes países são perfeitamente médios em matéria de educação. Nossa grande vitória foi haver evitado o último lugar, derrotando Moçambique no teste do IEA, que mede desempenho em matemática.

As comparações dentro do país também são lisonjeiras. Aumenta a distância entre Sul e Norte. São também enormes, próximas de 30 vezes, as disparidades de gastos entre uma universidade pública caríssima (e ingovernável) e o ensino de Primeiro e Segundo Graus.

Nos últimos poucos anos, educação virou assunto de primeira página nos jornais. A revista "Exame" lança um número especial sobre educação, refletindo a preocupação crescente do empresariado com a má qualidade de um dos mais críticos fatores de produção. De fato, as federações de indústrias descobriram que nossa mão-de-obra recebe uma educação de segunda. Preocupam-se e reclamam. Algumas tomam providências (e.g. a iniciativa da Fiesp de criar o Telecurso 2000 e a Fiemg com seu Conselho de Educação). Foram lançados dois canais privados de TV Educativa.

As pesquisas de opinião mostram a educação no alto das prioridades do povo. Os pais de alunos ficam mais reclamadores e mais participantes. Quem discute o assunto já sabe que primário custa R\$ 200 a R\$ 700 e universidade R\$ 10 mil.

As empresas aumentam suas exigências de escolaridade e isso repercute na opinião pública de forma contundente. Tome-se o exemplo da Fiat que há dez anos não aceitava operários com Segundo Grau. Hoje não aceitam sem. Estas são empresas emblemáticas e sua mudança nos padrões de exigências educativas tem enorme visibilidade.

Em suma, a irritação é crescente, seguida de zanga e reclamação.

Faz quase dois anos, conversava com Marcos Sá Correia sobre o panorama da educação brasileira. Surgiu então o termo "revolução silenciosa" que deu título para uma reportagem de capa da "Veja". Hoje este título não seria mais apropriado. A revolução não é mais silenciosa. Claro, não consertamos a educação, estamos longe de fazê-lo. Mas que desapacou o processo, não há dúvidas.

Os brasileiros não apenas entenderam que está ruim, mas há forte ressonância quanto ao diagnóstico e a terapia. Há um extraordinário consenso. De resto, é for-

te o contraste com a saúde, onde sequer há acordo quanto ao que está errado e muito menos ao que fazer. Ainda mais importante, educação deixou de ser assunto apenas do Governo, todos entendem a necessidade de cuidar dela.

Houve também progressos na implementação. Os concertos saíram dos laboratórios e experimentos. Viraram soluções simples e já testadas em grande escala. Isto porque os concertos propostos são possíveis e não mais as utopias fantasiosas que ignoram simultaneamente a economia, a sociologia e a pedagogia. Alguns estados, como Paraná, Minas Gerais e São Paulo, tomaram a dianteira com soluções sólidas e eficazes. Os outros copiam sem falsos orgulhos de reinventar a roda.

Tirar a política da educação foi um grande avanço que até os políticos gostaram — depois do fato consumado. Para cada diretor que indicavam, tinham que desapontar incontáveis pretendentes, gerando uma equação política deficitária.

As estatísticas já começam a mostrar algum progresso. A repetência cai. A pirâmide vai virando coluna. Aumentam as conclusões de Primeiro Grau. Minas Gerais — o único estado que tem estatísticas de rendimento escolar ao longo de vários anos — mostra avanços enormes. Ali podemos ver expressivos aumentos no nível de aprendizado dos alunos. Com o Fundo do Magistério, encaminha-se uma solução para a confusa divisão de tarefas entre estado e município. Ao mesmo tempo, este Fundo atenderá às escolas mais pobres do país, aumentando a equidade do sistema.

Ao consertar o Primeiro Grau, o Segun-

do explode, provocando todos os problemas possíveis. A obsolescência dos currículos e da concepção do que seja este nível está sendo repensada. Dentro deste mesmo nível enfrenta-se um velho problema: quebrar o nó górdio do ensino técnico cuja função, *de facto*, era a preparação das elites para o vestibular. A separação entre o acadêmico e o técnico permite ao ramo técnico receber apenas alunos interessados nestas profissões.

Perde fôlego a poída discussão entre centralização e descentralização (que raramente esclarece de que nível para que nível). Toma seu lugar a percepção crescente de que o fundamental é a autonomia efetiva da escola. A grande estrela é

a avaliação. Era uma assombração no início dos anos 90. Minas Gerais abre caminho, demonstrando que o tigre era de papel. Temos hoje o sistema de avaliação mais completo e mais sofisticado do hemisfério. Vejamos:

- Há várias décadas, temos um excelente vestibular;
- A avaliação da pós-graduação é modelar no mundo inteiro;

- Há cada vez mais estados que avaliam seus sistemas educativos;
- O Sistema de avaliação do ensino básico, hoje respeitado e sério, avalia nacionalmente o ensino de Primeiro e Segundo Graus;
- O Provão é um extraordinário, inédito e corajoso instrumento.

Ao nosso ensino superior não faltam mazelas. Mas não é só isso. Apesar de todas as suas dificuldades, os argentinos têm inveja da nossa universidade. Nossa pós-graduação é a melhor da América Latina, longe da segunda. Sob as suas asas,

a ciência brasileira cresce espetacularmente, em meio aos choros crônicos dos cientistas. As estatísticas de publicações nas revistas listadas pelo NSI (National Science Indicators) mostram aumentos de 2,8 vezes entre 1981 e 1995. Cresce mais rápido do que a ciência mundial, passando de 0,43% para 0,8% do total de publicações, no mesmo período.

Bem-vinda a nova Lei de Diretrizes e Bases, menos mandonista. Dá alguns correções, mas abre ao invés de fechar. No seu bojo, a educação à distância deixa de ser arte de Satanás. Há esperanças que se materialize, apesar da má vontade e do controlismo central. Igualmente, a nova proposta para o Segundo Grau não impõe uma solução central, deixando espaço para os outros níveis. Isto é coisa inédita no MEC. A grande surpresa, portanto, é o MEC que puxa para frente e não para trás. Antes só errava, hoje acerta muito mais do que erra.

Disso tudo, há importantes lições:

- Não há contradição entre a zanga e o progresso. A educação melhora porque muitos reclamam.
- Não há contradição entre o péssimo que estamos é o fato de que estamos melhorando a grande velocidade.
- O desafio é ser cada vez mais intolerante com a situação calamitosa da educação e, ao mesmo tempo, reconhecer e apoiar a nova onda de mudança, mais do que bem-vinda. Há um equilíbrio delicado entre a intolerância e a satisfação de ver progresso. Há o perigo da acomodação diante do progresso e, no outro extremo, o negativismo de achar tudo ruim. Cabe a nós, interessados e iniciados nas artes da educação, administrar e gerenciar estas tensões fundamentais para a saúde do sistema. Se não fizermos, quem o fará?